



# GIL VICENTE

Semanario monarchico-integralista  
(Literario e Noticioso)  
Orgão a propriedade da  
Junta Municipal de Guimarães  
Redac. e Adm.: AVENIDA DO COMERCIO



VISITACÃO  
Tardiez! s'ubi arrebolos es  
Ala pedanz a la entrada  
Mas yo de una puñada  
A uno do los vascos  
vaquillo

Director:  
D. José Perito.  
Adm. e Editor:  
Domingos F. Guimarães.  
Comp. e Imp.: MINERVA RIBEIRO  
Rua de São Vicente, 54 e 55—GUIMARÃES

## SINDICALISMO E NACIONALISMO

NOTAS PEQUENAS SOBRE  
UMA IDEIA GRANDE : : : :

A vida dos homens, como a vida das nações, não se limita a um acto egoísta. A Vida não significa apenas viver a hora breve do momento que passa.

Uma ordem de ideias, uma coordenação dos esforços e de aimes, mais levantada e mais nóbrega, impulsiona os homens. Em grupos os traz, desde a vida de sombra de duvidosas cavernas a é nos pináculos valiosos das Babels modernas.

Os homens, as sociedades e as nações, pelas raias das doutrinas duma nova sciencia social, não mais se pertencem propriamente a si, nem ao minuto presente.

A nossa vida—a vida do individuo, da colectividade e da Nação—nada mais representa que um elo poderoso, com que ligamos o passado com o futuro.

Entre um e outro se estabelece, assim, uma suave mas sólida passagem entre o mundo puelento dos mortos e o mundo aurorado e esperançoso dos que estão por nascer.

A Raça, cansada de jornadas as sete partidas do mundo, aferrou-se no solo num apêgo sófrego de noiva. O Homem desposou a Terra para todo o sempre e fecundou-a com o Trabalho. Com elle nasceram as profissões, a hierarquia, a Família. A Família é a célula basilar e modelo das sociedades fortes. Os povos que sabem respeitar-se e dignificar-se, honram, conservam e aperfeiçoam a instituição da Família porque nela reside a verdadeira Tradição. O instinto das Raças tem na preservado, em parte, da fúria dos proprios homens.

A Democracia deturpou e pervertiu o proprio sentido das palavras. Reacção, Tradicionalismo, Nacionalismo: palavras, palavras, palavras de que quasi ninguém indaga o verdadeiro significado. Andam muitos nacionalistas perdidos nos lamentos caminhos da Republica. Em compensação, pelo menos cincoenta por cento dos monarchicos—portugueses ou estrangeiros—ignoram a diferença que existe entre Monarquia e Democracia.

Para a maior parte tem o simbolo no grande peso: o etodo perfeito e harmónico de uma corôa avantajada-se, mesmo esteticamente, á desordem e irregularidade dum barrete frigio ás três pancadas. Muitos supõem os dois regimens compatíveis; creem alguns na possibilidade duma restauração de punhos de renda e caixa de rapé, de moça e de rabicho, como diria o enci-

clopedico repositório de disparates que é a imprensa constitucional-democrática.

Não se cultiva a Tradição pelo amor exclusivista do Passado, mas sim por mais nobres, mais transcendentales, mais altas razões. A adoração fetichista pelas grandezas remotas conduz-nos áquella parva situação de enfadada decadencia que já Eça de Queiroz acusava a Pinheiro Chagas em uma das suas cartas a este substancioso e liberalissimo estêio do conselho-ismo constitucional.

A Tradição, ensinando-nos a honrar o passado, obriga-nos a dignificarmos o presente para bem merecermos o futuro.

O Nacionalismo cultiva a Tradição, mais para que a História lhe sirva de exemplo e de guia no caminho brumoso do futuro, do que por mero prazer de revolver as cinzas frias da Cidade Antiga e desenterrar, para uso presente, velhos costumes que, pela sua inadaptabilidade aos tempos modernos, cairiam agora pelo ridiculo. Tradicionalismo não quer dizer conservantismo. Conservador é, quasi sempre, o individuo isolado e abstrato que a livre-concorrença instalou fartamente na vida e a quem a Democracia garante uma boa digestão dos seus haveres e os seus imprescindíveis direitos de cidadão eleitor e elegivel. Ele possui uma mentalidade córnea dum egoismo que outros egoismos incitam: a mentalidade democrática e burgueza dos que tem que perder. O Sindicalismo, por que é tradicionalista, receia apenas que a Patria se perca, e com ella o bem estar colectivo que é o reflexo do bem estar dos diversos grupos económicos, as grandes familias de produtores.

A ideia sindical é quasi coeva da propria povoação do mundo, tão remota e tão enraizada no sentido social dos povos que eles procuram sempre reagir quando as centralisações absolutistas ou democráticas pretendem dispersar ou asfixiar a unica fórmula racional dos agrupamentos sociais. No Sindicalismo reside o segredo da solidez orgânica de passadas e brilhantes idades. Ao Sindicalismo teremos de ir procurar a estabilidade e a harmonia que o liberalismo destruiu no maior crime cometido contra a sociedade em dezoito seculos de civilização cristã.

Cesar d'Oliveira.

## A' MINHA GERAÇÃO

E' a vós, Rapazes da minha Geração, que eu me dirijo.

São para vós estas descoloridas palavras ditadas pela minha alma neste momento em que a Patria Portuguesa se encontra num estado de síncope aparente no dizer bem tocante de Malheiro Dias. E' a minha Geração—ah! com que prazer o digo!—que se esforça por salvar a sua alma na expressão tão impregnada de sentimentalismo patriótico de Afonso Lopes Vieira.

Nós somos—oh! Rapazes da minha Geração—a Geração do Resgate. Di-lo a visão dos factos e di-lo a opinião dos experimentados na chamada luta pela vida. Di-lo tambem a minha Geração pelo intêrresse com que acompanha as vicissitudes sociais, e olha para os destinos da Patria que tem um altar no coração de cada rapaz. A minha Geração, tendo um espirito extraordinariamente tradicionalista, vai buscar ao passado o material com que há-de construir o edificio do futuro bem próximo.

Lê nas páginas da História Nacional as grandezas da sua Patria! Reza os versos dos Lusíadas para cantar o valor e o heroismo da sua Raça!...

Bendita sejas, oh! minha Geração!...

Que prazer eu sinto ao vêr que os Rapazes da minha Juventude, não alheios ás questões de interêsse nacional, caminham de cabeça levantada pela estrada que os há-de conduzir ao campo do resgate onde terá lugar o rejuvenescimento da Patria Portuguesa. Que a minha Geração é monarchica, ninguém o pode duvidar. Mas monarchica porquê? Monarchica não por espirito de contradicção como dizem os defensores da republica, mas monarchica, sim, por convicção e principios. Teve, felizmente, quem a educasse; e a sua melhor educadora foi a republica. Porquê? Porque foi a republica a sua melhor educadora? Não preciso de pensar um momento sequer para responder a esta interrogação. A melhor educadora da minha Geração foi a republica porque esta, com todos os seus erros, todos os seus crimes e todos os seus assassinatos (e são tantos!...), mostrou aos rapazes portugueses da actualidade que não podiam ser republicanos desde que quizessem conservar limpa a sua consciencia e amar a sua Patria.

E os rapazes portugueses de hoje, bem compenetrados desta verdade, começaram a atacar o regime republicano para manterem e levantarem os seus sentimentos monarchicos que são os de toda a Nação.

Eu te bendigo—oh! minha Geração!—para que amanhã a Patria te venha saudar no Campo da Salvação Nacional quando empunhares a Bandeira das Quinas que, fluctuando ao vento, seubera levar o nome de Portugal até Além-Oceano onde crevera páginas brilhantes de História Nacional.



## Ao meu livro das Orações

Viver, é luz que se apaga;  
Lembrar, é luz que acordamos...

(D'A minha Terra—A. C. d'Oliveira.

Santo livro de amor das minhas Orações  
Em que lia em pequeno, á noite, no meu leito,  
Com a Alma aos pés de Deus e com a Cruz ao peito,  
Numa fé viva e irmã dos castos corações:

Eu te amo ainda, oh livro idolatrado,  
Porque tu foste o guia abençoado  
Que me apontou nos Céus  
A divina Morada ainda mora  
José e Sua Esposa, Nossa Senhora,  
Juntamente com Deus!

Porque tambem me fazes recordar  
(Quando escuto, em silencio, a voz do Mar...)  
—Da minha infancia bela:  
Quadra risonha, cheia de harmonia,  
E que passou, qual sombra fugidia...  
Sem ter dado por Ela!...

Livro dos Meus Avós lido á lareira  
Pelas noites d'inverno, á luz fagueira  
Dum enorme tição:  
Tens sobre ti um século volvido...  
Como velhinho estás, livro querido!  
—Livro do coração!...

Por isso, agora, ao lêr-te, choro tanto,  
Porque me lembras, livro sacrossanto,  
—Nas azas da Quimera,—  
O meu Passado feito d'ilusões  
Que se extinguiu aos últimos clarões  
Dum Sol de Primavera!...

Ruy Galvão de Carvalho.

(Do livro: 'FLORES DE GELO'.)

gal até Além-Oceano onde crevera páginas brilhantes de História Nacional.

Avante, pois, pela Patria e pelo Rei—oh! minha Geração!

Bento Caldas.

## QUEREMOS:

uma Monarquia de facto e não de nome, a verdadeira Monarquia; a Monarquia Tradicionalista, onde o Rei,—figura suprema—, esteja completamente emancipado da tutela perniciosa dos politicos aventureiros, onde o Rei seja um Rei livre, senhor do poder e direitos que deve ter um verdadeiro Rei, que seja, enfim, não uma figura decorativa, uma figura de ornamento, mas um autentico elemento de acção.

QUEREMOS, não a Monarquia dos politicos monarchicos—como a republica é dos politicos republicanos—mas a Monarquia dos portugueses, da Nação, o verdadeiro regimen nacional.

QUEREMOS, não a Monarquia parlamentar, mas a Monarquia Orgânica, das Corporações e dos Municipios, a Monarquia Descentralizadora, a Monarquia racional da Inteligencia e do Trabalho.

## UM CONGRESSO

Realizou-se ha dias, no Porto, um congresso dos Empregados do Comercio. Desde ha muito já que identicos congressos se tem realisado, mas certamente, nenhum despertou tanto interêsse, (embora tivessem muito maior valor), que o ultimamente realisado.

Nos primeiros ventilavam-se e discutiam-se assuntos que muito de perto interessavam á classe; este ultimo foi mais de propaganda bolchevista que outra coisa, segundo as informações que obtivemos de um delegado que tem sido um dedicadissimo defensor dos interesses da sua classe.

A confirma-lo está tambem c telegrama enviado pela Associação dos Empregados do Comercio desta cidade—publicado no ultimo numero do nosso jornal,—e, nos termos em que foi redigido, não deixa duvidas acerca do que foi

O constitucionalismo monarchico-republicano, depois de anacalhar as virtudes cristãs da Raça, criou a demagogia vermelha que nos ha-de atirar para o fundo negro que se aproxima a passos de gigante.

## Romagem dos Séculos

O sr. dr. Eduardo d'Almeida, escritor de grande talento e apreciados méritos, publicou recentemente uma obra de investigação histórica, onde abundantemente se revelam as suas qualidades de homem de ciência, votando pacientemente ao estudo de velhas.

A *Romagem dos Séculos*, (subsídios para a história económica de Guimarães), é uma obra de alto valor e de grande interesse para os eruditos.

Agora resta que os vimezanenses saibam escolher obra tão louvável e valiosa, da trabalho cansado e meditação cuidada, obra que revela e mostra todos os pergaminhos da nossa terra e todo o valor do passado.

É preciso que o trabalho do sr. dr. Eduardo d'Almeida seja coroado pelo interesse público e a venda o satisfaga, para que se abalance a dar nos, nas partes que seguem a *Romagem*, uma obra de tómo e definitiva, que mostre nos variados assuntos toda a história da nossa Guimarães.

Teremos então depois: II, Arquivo Municipal (alvarás, províncias e sentenças) III, Jornada do Trabalho (agrícola, comercial e industrial) IV, A sombra (o minio espanhol, A Restauração, O drama político) V, Arquivo da Colegiada (pelos mosteiros e conventos) VI, Corporações de Ofícios (irmãdadas e confrarias dos misteres) VII, Vida política e económica desde 1640. VIII, Evolução histórica de Guimarães. E', como se vê, um completo estudo da vida de Guimarães, desde remotas eras. Obra monumental.—oxalá S. Ex.<sup>a</sup> não desanime e os vimezanenses o ajudem, sabendo corresponder,—será o mais rico padrão do nosso património antigo. Já quando da publicação das *Beatas do Chapéu*, o «Correio da Manhã» de 11 de Abril de 1923, assim se referia áquela apreciado trabalho:

«O sr. dr. Eduardo d'Almeida, a quem o estudo dos assuntos regionais de Guimarães deve muitos e valiosos serviços, produziu agora um volume extremamente interessante sobre o antigo «Recoimento do Archanjo S. Miguel», chamado das «Beatas do Chapéu», d'aquella cidade.

É uma monographia de 133 paginas, que a benemerita Sociedade Martins Sarmiento editou numa tiragem de 200 exemplares numerados, para premios aos alumnos mais distinctos das escolas primarias do concelho de Guimarães. Possui o sr. Dr. Eduardo d'Almeida todos os predios para poder ser lido com proveito e agrado nesta ordem de trabalhos: a paciência na investigação, o exemplo e critério na discriminação dos documen-

tos, o amor pelas coisas do passado, a visão—digamos assim—poética dos usos das figuras, dos episodios de que a lenda, a tradição, os velhos papéis nos revelam a existência e nos transmitem os vestigios e que a simples erudição, desajudada da imaginação e do sentimento, é impotente para fazer reviver aos nossos olhos. Sobre tudo isto, o sr. Dr. Eduardo d'Almeida é um distincto escriptor, que dispõe dum estylo verdadeiro, elegante, original e variado, com que se impoz de ha muito ao apreço do publico.

Nas obras do genero das *Beatas do Chapéu*, o penha do auctor tem que actuar ordinariamente com a aridez do assumpto; dessa lucta o sr. Dr. Eduardo d'Almeida sae victorioso, o que não é o menor dos meritos.

Da «Romagem dos Séculos», o «Primeiro de Janeiro», de 14 de Agosto, faz as seguintes e justissimas referencias:

«O sr. dr. Eduardo d'Almeida é um escriptor muito talentoso e distincto que tendo dado um grande brilho, as suas provas no romance, na novela, na litteratura dramatica e na investigação historica, patenteia de novo as suas invejaveis facultades no volume de historiographia que acaba de publicar com o suggestivo titulo de «Romagem dos Séculos».

O auctor que é um vimezanense muito ilustre, querendo á sua terra natal como uma mãe amantissima a um filho adorador, camou para este volume inapreciaveis e valiosos subsídios pelos quais é lícito avaliar-se no decorrer dos séculos e desde os tempos remotos da fundação de Portugal, a importancia económica de Guimarães que sempre se extremou como cidade activa e operosa.

O sr. dr. Eduardo d'Almeida percorren com olhos de vêr o arquivo da Camara de Guimarães e achou abundancia de documentos inéditos que reproduziu na integra e que não só esclarecem muitos pontos da história da cidade, mas também ajudam a reconstituir o passado da antiga *Vimaranes*, acompanhando o leitor de perto o seu desenvolvimento económico como centro industrial e mercantil importante.

É uma verdadeira *Romagem* através de muitos séculos da história de Guimarães que faz com muita erudição o sr. dr. Eduardo d'Almeida, enriquecendo também a sua obra com um prefacio sentido e cheio de eloquencia na sua pureza de estylo e na sua rendilhada forma litteraria.»

O «Gil Vicente» envia a Sua Ex.<sup>a</sup> muitos parabens e mil agradecimentos pelo exemplar oferecido.

esse congresso. Esse telegrama e a resolução dos delegados e Associação desta cidade, constitue para nós, vimezanenses, o maior orgulho. Assim o berço da nacionalidade deu o maior exemplo de arreigado patriotismo, protestando energicamente contra «adesões internacionais reconhecendo nelas somente autocracias semelhantes regimio infeliz Russia».

A classe dos empregados do comércio tem interesses a defender—porque é hoje a mais mal remunerada—mas não é dentro do syndicalismo revolucionario que a defesa desses interesses po-

derá mais proficuamente realisar-se.

Dentro da desordem, do caos, da anarquia, só se olham aos interesses dos *mandões*, dos *meneurs cêgestas* que tornariam tudo seus vassallos, a principiar pelo proletariado de que se dizem defensores, para melhor chegarem a brasa á sua sardinha.

Oxalá que todas as classes assim o compreendessem, como o compreendeu a classe dos nossos empregados do commercio.

E variam, mais tarde, que os *cêgestas* portugueses, quando lhes faltasse o dinhei-

ro sugado ás associações federadas, já não se importariam de apreço os principios da Marx, nem da emancipação social, mas, como o estomago não tem lei, procurariam no trabalho o pão *nosso de cada dia*, diminuindo assim o numero dos operarios sem trabalho... por terem outros a trabalhar para eles.

## Integralismo Lusitano

«O NOVO PRINCIPE»

Capitulo III.

### A IGUALDADE

Ainda que no primeiro capitulo desta secção, falando da liberdade, se tenha tratado occasionalmente da igualdade, este ponto de doutrina precisa de mais completa explicação. A estabelecer a verdadeira theoria da igualdade he destinado este capitulo.

A igualdade he uma daquellas palavras magicas de que se tem servido os agitadores de todas as épocas para electrizar as massas, e para fazerem servir aos seus fins particulares os movimentos tumultuosos dellas. He facil que o proletario diga consigo: «Porque motivo ha de auctelle ser rico e tu pobre? A natureza, creando-nos, deu-nos a ambos iguais direitos; e portanto, se elle tem muito e eu nada, só pôde ser por força de prepotencia, de espoliação e de injustiça. Logo, todos os estornos que eu fizer para estabelecer o equilibrio perdido, não são senão outros tantos actos legitimos, pelos quais eu me colloco na posição que a natureza me destinou, e entro na fruição de direitos que injustamente me u urparão.» He, em poucas palavras, a theoria de todas as revoluções possíveis.

E porém o discurso do proletario não he tão destinado de fundamento como poderia supôr-se; pelo contrario, os principios em que se funda, são de eterna verdade, e portanto indestructiveis. Mas, se assim he, como será possível com semelhantes principios, justificar a desigualdade de condições que vemos na sociedade? Examinemos.

O homem pelo simples facto da sua criação, adquire dous direitos imprescriptiveis: 1.º, direito de conservação; 2.º, direito de felicidade. Porquanto, se Deos não tivesse creado o homem para conservar-se, não seria infinitamente sabio; e se o não tivesse creado para ser feliz, não seria infinitamente bom.

Se o homem goza imprescriptivamente dous direitos de conservação e de felicidade, he força que igualmente goze do direito de não ser offendido pelos outros em tudo aquillo que he relativo a esta felicidade ou aquella conservação; por que, se assim não fosse, nenhum daqueles dous direitos poderia subsistir e portanto não seriam imprescriptiveis. Logo, todo o homem, além dos dous direitos de conservação e de felicidade, goza igualmente do direito de inviolabilidade, que he tão imprescriptivel, como qualquer dos dous primeiros. Mas, como as vistas da natureza, creando hum individuo forão, e não podião deixar de ser as mesmissima que creando todos os mais, segue-se que cada um delles goza, no mesmo grão e com a mais perfeita equaldade possível, dos tres direitos primitivos de conservação, de felicidade, e de inviolabilidade: e portanto, ou a desigualdade de condições que observamos na sociedade he tyrânica, injusta e arbitraria, ou, para que o não seja, he necessario que seja consequencia natural da absoluta igualdade de direitos em cada hum dos individuos associados. Vejamos se assim he.

Até aqui temos considerado os direitos de cada individuo em potencia; consideremo-los agora em accção.

He evidente que cada individuo, entrando no exercicio dos seus direitos, ha de obter hum resultado proporcional ao grão de possibilidade de exercita los que as suas circumstancias lhe permitirem. Este he forte, aquelle he fraco, hum he intelligente, outro he estúpido; e, em consequencia desta differença, hum obterá muito, outro obterá pouco, e outro cousa nenhuma. Eis-aqui estabelecida a desigualdade de condições.

Mas, não obstante a differença dos resultados, cada individuo continua a gozar dos direitos de que gozava até então, por isso mesmo que são imprescriptiveis; e portanto, aquelle que adquiriu muito continua a gozar do direito de não ser violado em tudo aquillo que adquiriu, e o que não adquiriu nada continua a ficar ligado pela obrigação de não violar o que não adquiriu os outros. Se assim não fosse, ficaria destruida no mesmo instante a igualdade de direitos, que, como fica exposta, he absoluta e imprescriptivel; porque hum perderia o direito de inviolabilidade, e o outro adquiriria o direito de violar.

Logo, por isso mesmo que todos os individuos associados gozão de perfeita igualdade de direitos,—por isso que cada um destes direitos he imprescriptivel e inalienavel, por isso mesmo he que a desigualdade de condições que observamos na sociedade, he legitima e justa, e deve ser julgada inviolavel.

## PROTESTANDO

No sabado, 8 do corrente, foram distribuidos pela cidade uns papeluchos infameza, a cheirar a vinho, e que, os seus autores, bem conhecidos, por sinal, pelas suas proezas, fizeram assinar como demandados de um grupo de *curtidores e surradores*.

Fomos procurados por uma comissão da referida classe que veio até nós layrar o seu protesto—para que o tornemos publico—contra os autores dos papeluchos, declarando mais que eles constituem um abuso de confiança pois, a classe, que, pode dizer-se, foi a organizadora da romagem mais tarde convertida em Peregrinação anual á Virgem de Lourdes da Penha, menteve-se completamente alheia ao facto que deveras a indignou, pelo que, a maioria dos curtidores e surradores que no dia 9 tentavam ir á Penha, se absteram de ir para não darem, com a sua presen-

ça, confirmação ao conteúdo dos papeluchos.

Procedeu, assim, a classe dos curtidores e surradores nobremente fazendo ver a esses *meneurs* que de tudo pretendem tirar partido, o seu desprezo. E ele é bem significativo. Mostreu, assim, que a classe, á parte uma ou outra *ovelha tinhasa*, continua firme nas suas convicções, não se deixando arrastar pelo palvriado de qualquer idiota que não quer trabalho.

## «Gil Vicente»

Já enviamos para o correio os recibos respeitantes ao primeiro semestre do nosso jornal.

E peramos, pois, de todos os nossos amigos e presados assinantes o seu pagamento, tanto mais que está vendida já a assinatura, pois terminou com o numero 26.

Ninguém ignora já hoje as inumeras e sempre crescentes dificuldades dum jornal de provincia principalmente nas condições do «Gil Vicente», que não defende clientelas politicas, nem faz o jogo da Banca.

O nosso jornal vive exclusivamente da dedicação dos seus amigos e dos seus assinantes. Assim, renovando o nosso pedido, e peramos dever a todos a fineza do prompto pagamento dos seus recibos, evitando-nos novas despesas com a mesma cobrança.

## Expediente

Rogamos a todos os nossos presados assinantes que mudarem de residencia o favor de avisarem para esta administração, em bilhete postal, unica forma de lhes ser remetido o jornal para a nova morada.

Igual pedido fazemos aos senhores assinantes que se retirem para as praias, terras ou campo e desejem receber regularmente o nosso jornal.

Acha-se aberta, até 25 do corte, a matricula nesta Escola. Os requerimentos, dirigidos ao Director, são instruidos com os seguintes documentos: Certidão de idade pela qual o requerente prove que não tem menos de 11 anos; atestado de vacinação ou revacinação ha menos de 7 anos; diploma da 5.ª classe do ensino primario geral ou antigo exame do 2.º grau.

## CARTILHA MONARQUICA

### CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 300 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

Ex.<sup>mo</sup> Snr.